

- Sua criança estúpida e mimada, Yelena!

Gritos em russo preenchiam o consultório, mas Yelena mal prestava atenção.

Deitada na maca, estava bem concentrada nas manchas do teto: Branco, porcelana, creme, branco gelo... Não adiantava romantizar. Provavelmente eram só manchas de umidade, beliscando pouco a pouco a estrutura de uma ala médica que, convenhamos, já tinha visto dias melhores.

Assim como tudo velha cidade de Moscou, Yelena também já se sentia fria. Aceitava os xingamentos de seu avô com a mesma facilidade com a qual aceitava elogios (embora estes quase nunca acontecessem). De fato, ela era um pouco estúpida. Inconsequente. Meio irresponsável. Mas mimada? Afinal tudo que ela pediu foi...

- Se me permite, Coronel. - Disse o médico, evitando contato visual. - Talvez fosse uma boa ideia dar a licença a ela.

Irredutível, o Coronel Ilya Yatchenko encarava sua neta com desdém.

Recém-chegado ao ambiente de guerra, outro terapeuta completou:

-Coronel, sua neta apresenta severos sinais de estresse pós-traumático. Devo insistir pelo afastamento temporário. Ela também disse que há muito não visita seu pai no Brasil, o clima quente definitivamente lhe fará bem.

Yelena ignorava os três homens decidindo sobre seu futuro. E ao mencionarem o Brasil, começava a se lembrar de sua infância como podia: A brisa quente, o som dos carros passando na rua de paralelepípedo, o português cantado, cheiro dos grãos de café moídos pelo seu pai, som dos sinos da igreja tocando alto no domingo bem cedo, as crianças brincando na rua até o entardecer. Uma época simples. Como chegou até aqui? Ela se indagou, confusa entre as memórias. Em que momento ela saiu de perto de tudo que a fazia sentir quente e veio parar aqui?

Puxando o Coronel Yatchenko de lado, o terapeuta lhe disse em confidência:

-Não pode exigir muito dela no momento senhor. O incidente em Dyatlov custou-lhe muito. Perdeu metade das memórias daquele dia, todo seu pelotão e o noivo. - Calculadamente, o profissional tentava impor o mínimo de juízo na cabeça do Coronel. - Sei o que o retorno dela ao Brasil representa para o senhor e principalmente para o exército russo. Mas peço que compreenda... Quer mesmo ver seu melhor soldado terminar alienado numa cama de hospital?

O Coronel teve uma revelação. Realmente não podia correr o risco de perder seu melhor soldado. O incidente já havia lhe custado muito: Combatentes, todos a comando do recém condecorado Capitão Alexei Zima, noivo de Yelena e que mesmo depois de um mês e meio do incidente, ainda não havia sido localizado.

Mesmo relutante com a decisão, resolveu dar ouvidos aos médicos. Em dois dias, saía então, a licença remunerada de três meses de Yelena. Assinada por uma dúzia de médicos e terapeutas, em conjunto com seu avô, o Coronel Ilya Yatchenko. Todos eles tinham algo em comum: Estimavam a melhora do melhor soldado do exército russo, mas não se importavam tanto com Yelena. No documento lia-se: "Em decorrência dos danos físicos e psicológicos causados a paciente no fatídico incidente de Dyatlov aconselhamos residência temporária recuada a Rússia em decurso as suspeitas de quionofobia adquirida pela paciente."

Quionofobia, a fobia de neve. Mais um souvenir adquirido por Yelena no incidente. Mas o que a deixava mais inquieta, não era isso, e sim, não ter uma única memória daquele dia.

A memória de Yelena sempre foi muito boa. Quando pequena, usava dela pra chantagear seu pobre pai em meio as tentativas ásperas de criar uma criança sendo pai solteiro. Há quem diga que Yelena lembra-se até do enterro de sua mãe, Zoya Yatchenko, que faleceu quando ela tinha apenas dois anos, de uma doença visceral que não foi descoberta a tempo. Ilya lhe dizia que sua mãe havia morrido por sua causa, que a maternidade tirou a vitalidade de alguém que já estava doente, sugando suas últimas forças. Mas Yelena sabia que não. Ela foi muito feliz com sua mãe enquanto pode e agora, já tinha idade para entender o significado de relações abusivas. Sua vitalidade foi sim sugada, mas não pela maternidade. E sim pelos desejos egoístas e impositivos de seu avô: “Se não puder ser a melhor, então não seja nada”.

E Zoya foi a melhor.

Poucos poderiam dizer o quanto Yelena e Zoya se pareciam, mesmo com pouquíssimo tempo de convivência. Mas, os que podiam, viam tal fato imaterial com a mesma clareza de um espelho. O sorriso, o jeito que trançavam os cabelos, como roíam as unhas quando estavam nervosas e as rugas que apareciam no meio da testa quando se zangavam. Pra além disso, sua mãe era uma exímia bailarina. Seus movimentos eram limpos, precisos e hipnotizantes. Há quem diga que Yelena os herdou, porém não no âmbito da dança, e sim, no combate.

Talvez por todas as semelhanças, por tudo que lhe aproximava tanto de alguém que partira tempos atrás e por quem nutria um amor inesquecível, Yelena suportava seu avô e tudo que ele lhe impunha.

Tudo começou após a morte de Zoya, quando seu pai, Antônio Miranda, um historiador exausto e destruído até a última célula do corpo em decorrência do óbito de sua esposa, retornou com Yelena ao Brasil, fim de criá-la longe dos impulsos abusivos de Ilya. Lá pelos seis anos, Antônio começara a ensinar russo para filha, a mando de Ilya. Mesmo coagido a tal, achava que possivelmente isso aproximaria a pequena Miranda, como a chamava, da memória de sua mãe. No início talvez, fizesse isso mais por ele do que por qualquer outro. Próximo a completar dezoito anos, Ilya convida Yelena a ingressar no exército russo: “Não pode deixar sua cultura de lado, você não deve esquecer da sua terra natal e precisa honrar a memória de sua mãe.” Para ela foi o suficiente. Como poderia se dar ao luxo de desonrar sua mãe? Em menos de um mês, embarcava para Rússia, onde ficaria pelos próximos dez anos.

Após sua chegada ao país, as exigências de seu avô só pioravam. Yelena foi treinada com mais afinco e determinação que qualquer outro soldado do pelotão. Os dias eram difíceis e muitas vezes, o ódio e a vontade de não estar ali foram o combustível para que ficasse. E assim foi tocando como pode, em prisão domiciliar dentro de um país tão grande. As vontades de seu avô, o Coronel, sendo atendidas como um cão que tenta agradar o dono, e não foi diferente quando ele providenciou um casamento arranjado para Yelena com o Capitão Alexei Zima.

Não a leve a mal. Zima era um homem legal e a tratava muito bem. Com certeza tinha plena capacidade de fazer uma mulher feliz, mas não Yelena.

Yelena sabia que ninguém em todo território russo poderia fazê-la tão feliz...

Tão feliz quanto...

Jinn.